

Universidade de Évora

A interdisciplinaridade em algumas obras de arte contemporânea.

Maria Celeste Teixeira Cerqueira

Dissertação de Mestrado em Artes Visuais/Intermédia
Orientador: Prof. Pintor Filipe Rocha da Silva

Volume II
ÉVORA
2007

Universidade de Évora

A interdisciplinaridade em algumas obras de arte contemporânea.

Maria Celeste Teixeira Cerqueira



163 393

Dissertação de Mestrado em Artes Visuais/Intermédia
Orientador: Prof. Pintor Filipe Rocha da Silva

Volume II
ÉVORA
2007

Articulação Teórico-prática

Na sequência do trabalho artístico desenvolvido para este curso de mestrado, a minha proposta actual vem na continuidade dos projectos anteriores e visa abordar, por meios artísticos, a representação do indivíduo e do social. Vejo o estar no mundo, no sentido de projectar-me nele, ou como Danto afirma, me projectar através do desenvolvimento de micro-narrativas com um carácter biográfico. De alguma forma, o meu trabalho artístico é uma projecção pessoal sobre a cadência da vida.

A minha produção artística reflecte, desde alguns anos, sobre a projecção do indivíduo sobre a sociedade circundante, em que se insere. Enquanto artista, dizem-me pouco as práticas artísticas de influência modernistas, que valorizam e enaltecem a problemática do médium.

Ao afirmar o meu interesse pela possibilidade artística de repensar o mundo, não se deve, deprender que procedo a um entendimento da arte como uma espécie de terapia, ou como meio de auto-expressão, para colmatar lacunas emocionais ou sociais. Não é de forma nenhuma este o caso. Trata-se somente de me interessar pela reflexão e materialização da obra de arte, enquanto possibilidade expressiva de reflexão social. No meu trabalho artístico, também exploro a relação do eu individual com o Eu e a memória colectiva. Penso que a superabundância dos objectos no mundo ocidental e a aceleração dos meios difusores de comunicação e informação, de alguma forma, levam a um processo de entropia geral, em que ao indivíduo pouco mais é exigido do que a participação activa no jogo do consumo e da informação efémera. Com isto, não se pretende dizer que poderá ter existido um período áureo, ou um paraíso perdido. Na minha obra não reflecto qualquer tipo de saudosismo de nenhuma época ou momento histórico. Ela é apenas uma reflexão do Eu, no estar e viver no mundo no presente. Esta obra é reflexo da crescente noção de responsabilidade social difundida pelos novos *média*, em que o discurso subjectivo dos indivíduos e a sua centralização no Eu, vão adquirindo cada vez mais importância sociológica.

O meu trabalho artístico reflecte também o comportamento diário do cidadão comum quando, numa passividade alargada, é sobressaltado com as imagens eticamente mais chocantes¹. O meu trabalho é sobre as relações diárias que vão surgindo sobre o estado do mundo. Nesse sentido, comecei a explorar a integração de texto na obra e a integração dos objectos quotidianos, na sua realização. Para desenvolver a aproximação entre a obra e a vivência quotidiana, comecei a realizar experiências baseadas em determinados jogos

¹ Sobre a relação das imagens televisivas e meios de comunicação e o público saliente o estudo de Susan Sontag no livro "Olhando o Sofrimento dos Outros", Lisboa, ed. Gótica, 2003.

linguísticos, ao mesmo tempo que estabelecia novas relações e apropriações de objectos, de forma a fornecer (a esses objectos) novas possibilidades de narrativas e novos contextos.

No processo de apropriação para o espaço da obra de objectos ou de situações urbanas que rodeiam o nosso dia-a-dia, transporto para a minha obra narrativa essas infiltrações no espaço social. A integração dos objectos extra-artísticos no território da arte, estes referem-se essencialmente à apropriação de situações, interrogações e percursos, que estruturam a obra e a relacionam com o exterior e com o mundo. Por outro lado, de uma forma análoga à artista J. Stockholder, ao incluir nas minhas obras alguns objectos ou narrativas que vêm do exterior do mundo da arte, reforço o meu universo expressivo e cognitivo, assim como abandono o nivelamento das tradicionais hierarquias entre o significado artístico e o extra-artístico

A minha obra não remete para uma linguagem ou género específico. A sua materialidade depende do conceito que a obra exige. Ao valorizar o conceito, quero dizer que não me revejo nas práticas homorreferenciais artísticas modernistas. No meu entendimento, a arte reflecte e recebe do mundo, e é nesse sentido que tem cabimento construir um discurso destas interferências. A matriz conceptual do trabalho condiciona a sua prática artística, enquanto materialidade da obra. A materialidade da obra depende dessa intenção conceptual inicial. Mas não se trata de reduzir a obra e uma materialidade meramente casual, como se o seu carácter material e formal fosse um carácter menor da sua concepção: a eficácia da obra depende dessa materialidade. O que afirmo é que, inicialmente, a obra não é pré-determinada por nenhum médium em particular.

Neste sentido, a minha obra reflecte o carácter interdisciplinar que a obra de arte pode adquirir, tendo presentes os diversos assuntos focados ao longo da dissertação. Em primeiro lugar, ela é também o produto e o reflexo da ausência de uma grande-narrativa. Espelha e inscreve-se num discurso completamente subjectivo e biográfico que, apesar de abarcar uma reflexão social, é uma reflexão fortemente centrada no Eu e não se propõe a ter um carácter universal de verdade. Por outro lado, recorro e utilizo múltiplos meios e expressões para cada obra, no sentido de melhor materializar as minhas intenções, como um processo de síntese criativa.

Apesar de não considerar a integração do espectador na obra de arte, no sentido de uma participação activa, as minhas obras contêm, no entanto, uma forte componente de teatralidade, no sentido de interpretar a feitura da obra como uma consciencialização de um espaço cénico, ou melhor, como uma representação (espaço – cenário) de uma ideia.

Destaco a importância da relação entre o objecto do quotidiano na obra de arte e a acção micro-narrativa, como carácter teatral da obra. O meu percurso artístico remete para a teatralidade, no sentido em que toma e funciona, por vezes, como uma consciencialização do processo da vida, através das mais variadas experiências pessoais da vida real.

Do meu percurso artístico, destaco a obra “Illuminatta” (figura 1), realizada para a exposição colectiva “What is Watt?” (2003). Tratou-se de um objecto em acrílico opaco onde, em forma de escada, foram inseridos quatro dispositivos de apresentação de mensagens electrónicas. A conceptualização deste objecto, permitiu-me reconstituir um elemento de referência ascensional, muito usado nos altar-mor de características barrocas, sem contudo o limitar à situação de plinto, já que as escadas encontravam-se indisponíveis para serem utilizadas devido à fragilidade do seu material. Nos dispositivos de apresentação de mensagem electrónica inseri as seguintes palavras: Ser – Pulsar – Silêncio – Nada que, de uma forma dinâmica, percorrem o espaço do ecrã. Com esta obra, pretendi desenvolver uma reflexão entre o potencial narrativo da forma, escada ou plinto, e a subjectivação emotiva de um ser que se auto-questiona – em pulsar – e se evidencia.



Figura 1-Illuminatta, 2003

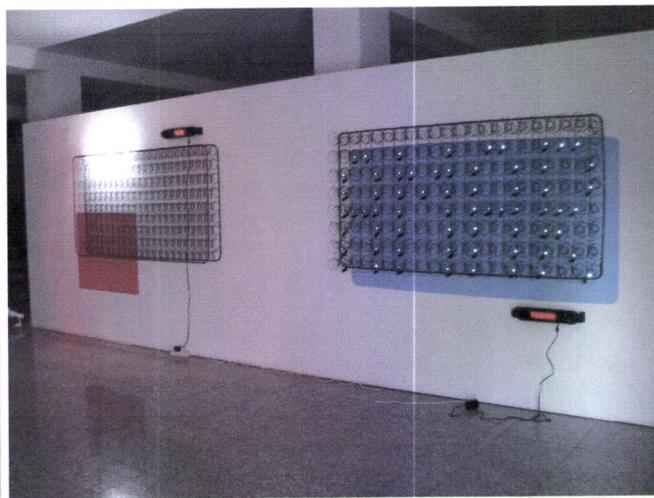


Figura 2 - amar-armar-tramar, 2006

Dentro desta problemática, produzi este ano a peça “amar – armar – tramar” (figura 2). Esta obra desdobrada por dois suportes de molas metálicas (estruturas de dois colchões) comportava duas situações distintas. Uma das estruturas encontrava-se preenchida por minúsculas lâmpadas, a formar a palavra Amar. A outra apresentava apenas a estrutura metálica, com uma lâmpada branca no seu canto superior esquerdo. Cada uma das estruturas apresentava, sobre uma parede pintada, um rectângulo de cor azul e vermelho, respectivamente. Pretendi com este trabalho, ao seleccionar as estruturas de

molares metálicas para colchões, remeter para um dispositivo de tranquilidade e repouso, que se relaciona fortemente com as relações amorosas. Daí os morfemas amar – armar – tramar remeterem, por si só, para um ciclo da paixão.

Por último, destaco a obra “CeeLeste” (2004) (figuras 3 e 4), um projecto de intervenção na Serra da Estrela, constituído por um conjunto de dois objectos arquitectónicos, com uma intervenção no seu interior. O objecto I é constituído por um romboedro revestido em vidro que, pela sua transparência, permite um olhar contemplativo sobre o exterior natural. Este romboedro não apresenta nenhum objecto ou divisão no seu interior, sendo a sua particularidade explorada na captação acústica do natural. Cinco pequenas colunas sonoras são incluídas e aplicadas nas aranhas de sustentação do revestimento em vidro, transmitindo a amplificação do som da paisagem idílica exterior. O que implica que, na paisagem circundante, estejam implantados cinco microfones de registo sonoro do ambiente natural. É necessário que a altura da difusão do som ambiental exterior seja elevada, para que haja uma interferência na contemplação do Belo para que, acrescentando-se à simultaneidade e multiplicidade dos registos sonoros, se transforma em ruído.



Figura 3- Projecto CeeLeste, 2004

O objecto arquitectónico II favorece e predispõe a uma maior introspecção, devido à opacidade do material de revestimento exterior, em cobre. Assim, a centralização anterior do objecto I na paisagem, dá lugar à focalização no indivíduo. Um ligeiro e ténue registo sonoro de um ritmo cardíaco, demarca este novo campo de acção, no domínio do indivíduo e não da Natureza.

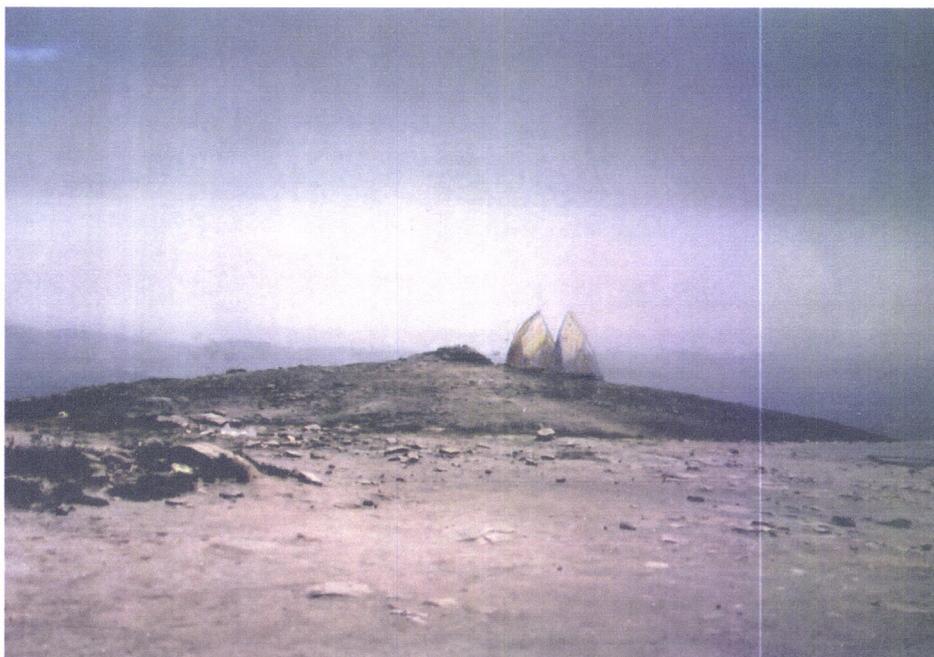


Figura 4 - Projecto CeeLeste, 2004

Para focalizar e acentuar ainda mais as atenções dirigidas ao sujeito, encontra-se dentro deste objecto arquitectónico, um outro que apresenta uma forma esférica. Este segundo objecto apresenta a forma esférica por contraste com a predominância das arestas vivas do objecto II envolvente, acentuando assim a sua importância nuclear. Este objecto interior é constituído por uma estrutura metálica revestida, quer no seu interior, quer no seu exterior, por um tecido vermelho, que lhe serve de cobertura. No interior desta forma esférica, encontramos um ecrã de plasma, para visionamento de imagens seleccionadas. As imagens são apresentadas cronologicamente, de forma aleatória, e referem-se às diversas guerras efectuadas desde o ano de 1967 (ano de nascimento da autora) até ao ano transacto. Na sequência das imagens apresentadas, também incluem imagens biográficas da autora do projecto, para assim acentuar a noção “de tempo de vida”, do sujeito enquanto testemunho.

Durante o período curricular desenvolvi vários projectos artísticos na área da instalação dos quais destaco a obra “R.G.B.” (figura 5). Esta obra é constituída por seis cones comunicantes, sendo três invertidos, que remetem para uma ampulheta. Estes cones foram realizados em tecido de três cores: vermelho, verde e azul, numa referência ao sistema de cor-luz. Nos três tecidos foram bordados diversas datas de conflitos armados, que aconteceram desde a minha data de nascimento.



Figura 5 – R.G.B. 2005.

Ao longo do ano da dissertação realizei diversos percursos, com fins artísticos, a determinados locais na periferia urbana do Porto (figura 6 e 7). Estes locais remetem para situações urbanas diferentes. Alguns são áreas industriais abandonadas, outros projectos de urbanização antes de concluídos, ou situações de construção marginal. Estes percursos foram efectuados em parceria com o artista Pedro Ruiz. Ambos estávamos interessados, nestas excursões em localizar situações urbanas que apresentassem, já por si, uma narrativa, pois estes locais da periferia não são, nem podem ser, socialmente neutros. Eles foram por nós seleccionados atendendo às características de abandono e de ausência a que foram remetidos.



Figura 6 – Colecta de objectos em fábrica abandonada

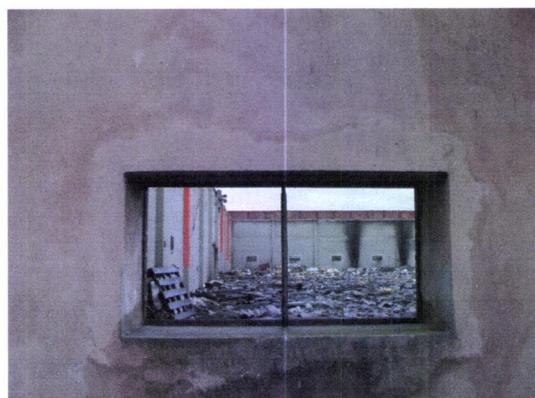


Figura 7 – Vista geral de zona industrial desactivada

A partir destes locais procedeu-se a levantamentos fotográficos de situações e à recolha de materiais e objectos que serviram de suporte para novos trabalhos. Estes novos

trabalhos, com forte incidência cénica, recriam uma narrativa a partir de fragmentos, resíduos, mobiliário ou mesmo de matéria industrialmente trabalhada. Depois de localizar diversos abrigos clandestinos, que servem de apoio a diversos marginais da cidade, verificou-se que estes eram construídos a partir da recolha mais heterogénea de objectos e de materiais, que lhe forneciam uma identidade construtiva. Podemos testemunhar o uso funcional dos plásticos, rígidos e semi-rígidos, que forneciam, além de uma protecção evidente, uma estranheza das soluções encontradas. Sem remeterem ao mundo da arte, ou à complexificação teórica dos seus fundamentos, muitos destes locais, constituíam-se como elementos antropológicamente ricos em soluções e apropriações.

Obra “Eu | U.E.”

A obra “Eu | U.E.” (figuras 8 e 9) é o meu trabalho que será apresentado com a dissertação teórica. Trata-se de uma obra constituída por uma série de placas onduladas, semi-transparentes, colocadas verticalmente. Algumas destas placas, apresentam recortes que remetem para o contorno do território da União Europeia. Sobre estas placas será projectado um vídeo.

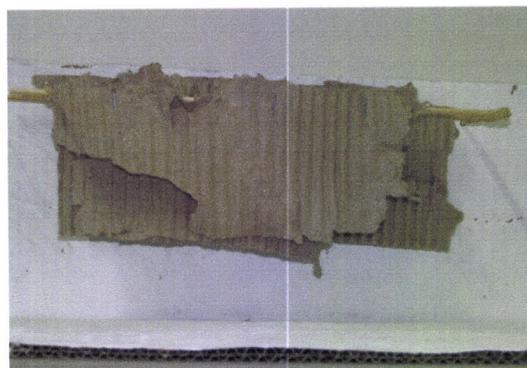
A selecção deste material em plástico ondulado e semi-transparente, prende-se com a sua conexão à ideia de abrigo e à sua recorrente utilização, para acrescentos de casas. Trata-se de um material pobre e banal, que me interessa explorar enquanto enfoque do quotidiano. Por outro lado, neste caso, as placas onduladas foram recolhidas em locais fabris abandonados, que aludem a um tempo de actividade passado, e remetem para uma nostalgia de ausência. A recolha de materiais já utilizados interessa-me visto estes objectos serem acrescentados de uma narrativa, embora a sua visibilidade apelativa se encontre praticamente ausente, revelando-se apenas pelo próprio desgaste do material. Os fragmentos e o desgaste de um material narram e reforçam uma história, já por si desgastante e banal.

O nome do objecto artístico coincide com as letras da projecção vídeo: “Eu | U. E.” e resulta da reflexão e do confronto de situações que espelham a significação do próprio projecto: - advém da inscrição do EU na obra, o que remete imediatamente para a micro-narrativa do discurso biográfico e subjectivista; - sujeito a uma inversão da leitura do EU este apresenta-se como UE, que enquanto sigla remete para a questão do território e do espaço cultural que é a União Europeia², enquanto território específico

² O orientador desta dissertação Professor Doutor Filipe Rocha da Silva, ao questionar-me sobre esta obra, verificou que U.E. também pode ser as iniciais de Universidade de Évora, coincidência que considero feliz, porque, ainda que uma instituição, trata-se de um território específico.

com fronteiras precisas e com um património cultural definido e que se encontra presentemente sob pressão intensa, derivada da imigração ilegal.

A obra “Eu | U.E.” inspira-se, deste modo, numa reflexão sobre as fronteiras do território e nas notícias que nos informam das prisões, naufrágios e expulsões a que, todos os dias, são submetidos os que tentam alcançar o território europeu. Por outro lado, ao projectar e ao sobrepor a palavra Eu sobre um território específico saliente, a minha pertença a uma cultura que, como indivíduo, transporto comigo.



Figuras 7e 8 – Maqueta de estudo para a obra “Eu | U.E.”